UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO E ARTES

DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E ARTES

Carolina Reis Gaudencio nº USP 7618770

Enrique Lima Espinosa nº USP 9306682

Gabriela Mello Ribeiro de Araújo nº USP 9307206

Giovanni Araújo Cozer nº USP 9306974

Isabela Pazzetti nº USP 9307300

Marcus Vinícius Leite nº USP 9306320

Vinícius Gonçalves nº USP 9306824

**MITOLOGIA EGÍPICIA**

Prof. Ricardo Alexino

São Paulo

2016

**INTRODUÇÃO**

O conjunto de práticas religiosas presentes na sociedade egípcia durante o período que inicia-se no pré-dinástico (por volta de 3.000 a.C.) e se estende até o surgimento do cristianismo recebe, no mundo contemporâneo, o nome de mitologia egípcia, ou seja, o conjunto de crenças a que damos o nome de mitologia egípcia nada mais simboliza do que o antigo conjunto de práticas religiosas da comunidade do antigo Egito e sua cotidianidade conhecida atualmente. Dentre as diversas divagações a respeito do assunto, estudiosos divergem até mesmo pela denominação do período e práticas em questão, tido como na relação dicotômica entre os termos “mitologia” e “religião”, fato este que será dissertado com maior ênfase ao longo do recorte em questão.

 Diante da vasta quantidade e variação dos mitos e histórias, neste trabalho optamos por ter como recorte e abordar mais profundamente o mito da deusa Ísis por ser um mito de grande impacto na cotidianidade egípcia e que acredita-se ser muito influente na cultura local. Além de tal fato, neste podem-se encontrar diversas analogias com outras culturas também no mundo ocidental.

 O Egito é um país do nordeste da África que concentra a décima quinta maior população do mundo. Encontrado em uma região predominantemente desértica, o país é considera desde a antiguidade como uma "dádiva do rio Nilo" em torno do qual concentra a maior parte das suas atividades socio-economicas e em torno do qual, também, foram depositadas a maior parte das suas crenças, criações mitológicas e devoção popular. O país detém uma das mais longas histórias dentre os países modernos, tendo mais de seis mil anos de história cultural registrada; e sendo, até hoje ninho de reconhecimento turístico abrigando muitos dos monumentos mais famosos da história antiga e abrigando cerca de 12% da mão de obra do país dentro do setor turístico, incluindo entre a extensa lista, entre seus parques arqueológicos, as margens do mar Vermelho. Até hoje o Egito é reconhecido por ser um criador de tendências culturais no mundo da [língua](https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADngua_%C3%A1rabe) e da [cultura árabe](https://pt.wikipedia.org/wiki/Cultura_%C3%A1rabe) contemporânea, influenciados fortemente pela literatura, música, cinema e televisão egípcia.

**A MITOLOGIA EGÍPCIA**

 Surgida no antigo Egito, a cerca de 3.000 a.c., a princípio politeísta, a mitologia egípcia apresentava a criação do universo a partir de divindades as quais recebiam o nome de *neter*. Essa nomenclatura é associada às formas primordiais, como *Nun*, que é uma representação sem gênero referente ao líquido cósmico que deu origem ao universo. Para os egípcios, a formação de tudo em si se deu devido a variações de um único Deus, o qual era caos, e os demais deuses seriam as representações auto criadas desse único Deus.

 Nun representa um ser subjetivo, que se desdobra em auto representações como *Atum*, um ser objetivo, que pertence ao campo real. Os demais deuses mais conhecidos, como Osíris, Ísis, Anúbis, entre outros, surgiram posteriormente.

“Atum tossiu e expeliu Shu (deus do ar) e Tefnut (deusa da chuva). Shu e Tefnut tiveram dois filhos, Geb, deus da terra e Nut, a deusa do céu. Shu ergueu o corpo de Nut, colocando-o acima de Geb, e esta tornou-se a abóboda do céu. Nut e Geb tiveram por sua vez quatro filhos: Osíris, Isís, Seth e Néftis. Osíris tornou-se deus da terra, que governou durante muitos anos; Isís foi a sua mulher,rainha e irmã. Seth o deus seco do deserto invejava o estatuto de Osíris e um dia matou-o. Osíris foi para o mundo subterrâneo e Seth tornou-se rei da terra. Osíris teve um filho com Ísis chamado Hórus que decidiu vingar a morte do pai e reconquistar o trono. Hórus derrota Seth e torna-se o novo rei da terra, mas o seu pai permanece no mundo subterrâneo. Néftis era apaixonada secretamente por Osíris, um dia se disfarçou de Ísis e deitou-se com Osíris dando a Luz a Anúbis o deus com corpo de homem e cabeça de cão que presidia o mundo dos mortos.”

 É interessante notar que a mitologia egípcia varia muito dentro da região que demarcava o Antigo Egito. Muitos especialistas acreditam que isso se deva à influência dos Sacerdotes locais que davam mais ou menos importância para aspectos especiais ou mesmo que lisonjeavam mais aquele local. Apesar disso, é muito comum que em todas as cosmogonias apareçam grupos de deuses mais importantes, ou ao menos primordiais, e Rá sempre mantém seu papel muito relevante. Exemplos famosos são a enéade de Heliópolis, muito provavelmente a mais conhecida, também aparecem a ocdoáde de Hermópolis, a tríade de Mênfis, etc.

 As fontes para o estudo da mitologia egípcia são variadas, desde templos, pirâmides, estátuas, túmulos até textos. Em relação às fontes escritas, os egípcios não deixaram obras que sistematizassem de forma clara e organizada as suas crenças. Em geral, os investigadores modernos centram-se no seu estudo em três obras principais, o Livro das Pirâmides, o Livro dos Sarcófagos e o Livro dos Mortos. Chama a atençao também o fato de que autores gregos e romanos também escreveram em seu tempo sobre o Antigo Egito e estes relatos são por muitas vezes fontes secundárias, como vemos acontecer com os relatos de Heródoto e Plutarco.

 Campbell diz em “O Poder do Mito”: “No Egito, a pirâmide representa a colina primordial. Após a cheia anual, quando as águas do Nilo começam a recuar, a primeira colina simboliza o renascimento do mundo. É o que este selo representa.”. A partir disso é muito importante ressaltar a importante relação que a mitologia egípica nutre com a morte e avida, este ciclo de renascimento, em diversas histórias, como a de Osíris que é morto por seu irmão por inveja (num paralelo possível com Caim e Abel da bíblia), mas vem a ser renascido por Ísis, em símbolos como o Ankh. Ao contrário da religião cristã que acredita no juízo final, a mitologia egípcia é concebida a partir desse ciclo, existindo uma ressignificação apartir deste.

**ÍSIS, A GRANDE DEUSA**

A deusa Ísis é uma das principais divindades da mitologia egípcia, e sua veneração parece remontar a pouco tempo após 2500 a.C., a V dinastia egípcia. Ela é a primogênita do deus da Terra, Geb, e da divindade que rege o Cosmos, Nut. Seu irmão Osíris se torna seu marido e eles, assim, o primeiro casal real do Egito, o outro irmão, Seth, responsável pelos desertos, se transforma no principal inimigo do casal. Segundo a mitologia egípcia, Osíris é traído por Seth, que invejava o irmão, e é morto e esquartejado por esta divindade associada à essência do mal. Ísis, desesperada, consegue reunir todos os membros do marido, com exceção do genital masculino, e o ressuscita.

Ísis é vista como zelosa com todos e por essa razão por muito tempo esta deusa foi venerada como a representação maior da essência materna, da fertilidade e da esposa perfeita, além de velar também pelo reino natural, portanto, por todas as dimensões da existência. Ela era vista igualmente como um símbolo do que há de mais singelo, dos que morrem e daqueles que nascem. Uma mitologia tardia atribui às cheias do Rio Nilo, que ocorriam uma vez por ano, as lágrimas derramadas por Ísis pela perda de seu amado. Ela é ligada às histórias de ressurreição da mitologia egípcia, não apenas do marido, mas também de seu filho Hórus, e também é considerada o "trono" (significado de seu nome), sede e estabilidade, do Egito do qual Osíris era soberano.

Um mito em especial a cerca de Ísis nos chamou muita atenção. A história que envolve a conquista de poderes adicionais por parte da deusa que os roubou de Rá.

"ÍSIS E O NOME SECRETO DE RÁ

O Deus Sol Rá tinha tantos nomes que inclusive os Deuses não conheciam todos. Um dia, a Deusa Ísis, Senhora da Magia, se pôs a aprender o nome de todas as coisas, para tornar-se tão importante como o Deus Rá.

Depois de muitos anos, o único nome que Ísis não sabia era o nome secreto de Rá, assim decidiu enganá-lo para descobrir.

A cada dia, enquanto voava pelo céu, Rá envelhecia e até já começava a babar. Ísis recolheu sua baba e modelando-a com terra, deu forma a uma serpente, que depois colocou no caminho de Rá. Esse foi mordido e caiu ao solo agonizante. Ísis disse ao Deus que poderia curá-lo, desde que ele lhe revelasse seu nome secreto. Ele se negou, porém ao notar que o veneno da cobra era potente suficientemente para matá-lo, não teve outra opção a não ser revelá-lo. Com esse conhecimento secreto, Ísis pode apropriar-se de parte do poder de Rá."

(extraído de: <http://sagrado-feminino.blogspot.com.br/2012/05/deusa-isis.html>)

A ausência de passividade por parte da figura feminina representada em Ísis nos chamou atenção por contrastar com as tradicionais figuras das maiores religiões da atualidade, mas também com sua própria representação da mulher ideal, zelosa por todos. Através desse mito Ísis se torna uma maga poderosa e uma das principais figuras cultuadas não apenas no Egito mas num território que se estendeu até os domínios Gauleses. Também nos chamou atenção a presença de uma cobra, recorrente nas diversas mitologias, e que tem uma simbologia negativa, sendo associada a várias mazelas. É interessante notar a existência de Apep, uma criatura em forma de serpente inimiga de Rá, e símbolo máximo do caos. Curioso também é o fato das serpentes serem inimigas naturais dos gatos, sagrados e cultuados no Egito, especialmente por suas habilidade de caça e extermínio de pragas.

Com ajuda desse contexto, desejamos traçar uma relação da representação da mulher na mitologia: o empoderamento e protagonismo na mitologia egípcia “versus” a visão de submissão e impureza da mulher e do subjugamento do sexo feminino na mitologia cristã. Herança da cultura ocidental e europeia que norteia as decisões e a divisão entre os gêneros até os dias de hoje. Ísis assume assim um papel de dois arquétipos comumente concebidos como opostos em outras mitologia, como será avaliado adiante, e também um arquétipo de mãe, repetido e ressignificado por diversas vezes, como a exemplo de Maria.

**SOBRE O SÍMBOLO E SUAS REPRESENTAÇÕES**

Em um dos vídeos (C.G. Jung - A Importância dos Sonhos - Parte I) em que Jung apresenta a diferença entre o sinal do símbolo e o conteúdo que eles carregam no cotidiano e também fala que quando diante de uma situação que extravasa a compreensão humana, é comum a utilização de termos simbólicos na tentativa de representar conceitos que não podemos descrever ou compreender apenas através da linguagem escrita, as religiões e a mitologias, por exemplo são carregadas de símbolos imagéticos que transmitiam determinado pensamento complexo. No caso de Ísis, foi necessária a construção da imagem de uma deusa, que concentrava em si muito poderes para associar toda a intangibilidade dos valores da mulher como a maternidade e a capacidade de dar continuidade à vida.

Como fora exaltado no início deste texto, seu principal objetivo é a análise e compreensão de como se dava a cotidianidade egípcia em determinado recorte de tempo e a partir de quais determinadas conjunturas estas foram expostas para que fossem compreendidas da maneira que são atualmente. Tendo em vista este cenário, compreende-se que os mitos aqui analisados e discutidos podem ser tidos como outros que se apresentam no cenário religioso contemporâneo e, de igual maneira, tido como arquétipos. Ou seja, toda o universo composto por tais mitologias e compreensões de intervenções divinas observados por uma ótica analítica dos dados de maneira mais crua e procurando ser isenta de analogias à divindades e explicações místicas para a ocorrencia de fenomenos.

 Analisando as características comportamentais da deusa Ísis, onde ela é descrita como velosa, amante da natureza, fiel amante, vemos que são idealizações que são cobradas dos aspirantes da mitologia, que esse arquétipo não é apenas uma herança de um povo egípcio, mas também uma manutenção desse. Ísis sendo uma matriarca, e deusa de matrimônios e fertilidade, trás consigo uma marca da esperança de comportamentos dentro da civilização que a cultura, um inconsciente coletivo quase global, não diferente das crenças ocidentais. Assim, ela entra dentro de um arquétipo, como concebido por Jung, da mulher, do lar, do cuidado, da fertilidade, ao mesmo em que foge daquele imposto em que existe uma subjugação, fugindo um pouco da função social, como estabelecida por Durkheim, imaginada para a mulher por milênios.

 Pouco comum na verdade, é atribuir elementos de guerra à deusas que lidam com o questões ligadas à Família. Vemos na mitologia grega, posterior à Egípcia, deusas da caça, como Ártemis, porém que não gera filhos, apenas filhas adotivas. Na mitologia Amazona, temos também guerreiras, que não se doam como esposas, muito menos para constituir família com homens. Exemplos esses, em que ferocidade, poder, são atribuídos às mesmas deusas que possuem atributos tidos como “femininos” pelas mitologias ocidentais, está presente em mitologias posteriores à Egípcia, como a Yorubá, com a deusa Oxossi, Deusa guerreira, e ao mesmo tempo do amor.

 Como visto nos vídeos de Campbell a respeito do mito e sua importância na formação cultural, e, até mesmo na forma com que influencia os costumes, hábitos e toda forma de comportamento de uma sociedade, é recorrente que todas as representações que consigam traduzir, de alguma forma, sensações humanas tornem-se essenciais para a manutenção da moral, por exemplo.

 Pela manutenção da moral, pode-se ver que há uma construção de uma personagem heróica que possui um aspecto tradicional quando refere-se à salvação de um povo, mas que acaba sendo mascarada da intenção verdadeira que é a manutenção da ideia que pretende-se passar por aquela mitologia. Junto a isso, formam-se regras e institui-se a manutenção da tradição cultural e moral do povo. A história da deusa Ísis assemelha-se ao arquétipo de resistência, inteligência, enquanto Apep é a tradução do caos, do mal, de tudo que pode destruir a vida. Ambos são característicos, pelo nome, de uma mitologia específica, mas como fora citado anteriormente, a ideia de Ísis propagou-se para além do Nilo, por representar uma forma traduzida das sensações humanas e incorporar-se na consciência coletiva dos povos pelos quais absorveram esse mito e tentaram justificar variáveis intrínsecas à vida humana, no geral. Variáveis que chegam a demonstrar a potencialidade que talvez possamos atingir, da mesma forma que nos dá pistas a respeito do sentido da vida e tudo que permeia essa esfera subjetiva quanto à atribuição de uma narrativa com capacidade de atingir o emocional do ser humano, carregada de significações.

**ESTUDOS CULTURAIS**

Dentro da Escola Inglesa das teorias comunicacionais, destacamos como pertinente aos estudos e análises realizadas em torno do mito egípcio da deusa Íris e, da construção socio-cultural a partir da análise mitológica os "Estudos Culturais", desenvolvidos em meados da década de 60, por iniciativa e intermeio do filósofo, professor e pesquisador britânico Richard Hoggart; que em sua longa carreira acadêmica enfatizou seus estudos no campo da cultura popular britânica. Hoggart ao observar, analisar e destrinchar as tendências culturais dos ingleses na segunda metade do século XX, chegou a inúmeras conclusões e teorizações que podem ser permeáveis e aplicáveis a outras realidades culturais, através do fenômeno de ligação básica entre as mais diversas variações culturais, teorizado por Jung, que são os arquétipos.

 Hoggart se aprofunda muito em estudos sobre a influência da literatura britânica na percepção da população inglesa sobre o mundo e dentro da construção das suas percepções de mundo. Muito disso pode ser relacionado em paralelo com a influência que a transmissão de histórias arquetípicas tinham na construção da moral e das expectativas sociais; como era - e ainda é, hoje - a mitologia do antigo Egito dentro da organização socio-cultural delimitada pelo alcance geográfico e espacial desse conjunto de crenças. Os teóricos da corrente de Hoggart estruturaram seus estudos no pilar da heterogeneidade e identidade cultural, na legitimação das culturas populares e no papel social de cada indivíduo dentro da estrutura social; ampliaram, portanto, o conceito de cultura e de inserção socio-cultural.

 Hoggart enfatiza seus estudos nas diferenciações e encontros sociais entre as diferentes classe, aproximando-as mais do que grande parte das teorias comunicacionais fazem; entende-se que todas as classes são afetadas pela comunicação de massa e pela disseminação mitológica ou arquetípica dentro d'uma esfera social, porém de maneiras diferentes.

"[...]os membros das classes trabalhadoras muito raramente se interessam por teorias ou movimentos intelectuais. Interessam-se mais pelas ‘pessoas’. Tal preferência personalista não exclui a capacidade de formulação de juízos perspicazes ou de conclusões realistas, mas não se baseiam em conceitos abstratos e sim na convicção de determinadas qualidades pessoais. Nesse ínterim, e nessa constatação, reside uma grande inquietude sociológica[...]"

 Esse "interesse e preferência personalista" destacam a importância da interação social e interpessoal - por exemplo pela própria disseminação atemporal de estórias culturais básicas - na construção da valorização social para determinados aspectos das ideologias e crenças morais; na relação com o outro e com o próprio eu e na sensibilização e percepção das necessidades e valores intrínsecos à condição humana é que os mais diversos conjuntos e organizações socio-culturais acabam por ter como base da vida em comunidade, valores e expectativas muito semelhantes; muito humanas.

 Os estudos culturais situam a cultura no âmbito de uma teoria da produção e reprodução social, especificando os modos como as formas culturais serviam para aumentar a dominação social ou para possibilitar a resistência e a luta contra a dominação. A sociedade é concebida como um conjunto hierárquico e antagonista de relações sociais caracterizadas pela opressão das classes, sexos, raças, etnias e estratos nacionais subalternos. Os estudos culturais, portanto, assim como a teoria crítica da Escola de Frankfurt, desenvolvem modelos teóricos do relacionamento entre a economia, o Estado, a sociedade, a cultura e a vida diária, dependendo, pois, das problemáticas da teoria social contemporânea. Embora as teorias marxistas sejam realmente mais interessantes para compreender a História mais recente, é relevante para nós na medida que a sociedade no Egito Antigo era composta por castas e substratos demarcados, porém o que nos levou a iniciar estes estudos foi exatamente o fato de as mulheres, ao contrário do que ocorria em outras sociedades e civilizações da mesma, não serem neste sistema inferiores aos homens.

A mulher na sociedade egípcia exerceu um papel muito importante e tinha praticamente os mesmos direitos dos homens, o que não ocorria em outras civilizações da mesma época. Elas chegaram a postos que só foram alcançados pelas mulheres novamente na sociedade atual. Havia muitos postos de trabalho e de destaque para as mulheres egípcias e tomamos conhecimento de uma Hatshepsut e temos também o exemplo de Cleópatra que dispensa apresentações.
 No antigo Egito a esposa era sim quem cuidava das pessoas, mas num senso muito maior: cuidava de todos ao seu redor, incluindo seus filhos e os seus servos. Havia vários trabalhos disponíveis para a mulher, especialmente se ela fosse de uma família rica. Existem inúmeros registros de mulheres fazendo serviços domésticos, como tecelagem e preparação de cerveja e pão. As mulheres, na ausência de seus maridos, eram as chefas e tomavam conta também das tarefas deles. Elas tinham os mesmos direitos dos homens em tribunais e estavam sujeitas às mesmas condenações aplicadas a eles. Vale notar também que podiam se divorciar sem grandes problemas, entre os principais motivos de divórcios estavam os maus-tratos, o adultério e a infertilidade. Apesar disso, o historiador Malike Banes nos lembra que *“As mulheres não possuíram nenhum título importante, sem contar alguns relacionados ao sacerdócio, e, fora alguns membros da família real e as soberanas reinantes, tiveram pouco poder político. Seu título mais comum era, “senhora da casa”, é um título de respeito que significa apenas algo mais que “Sra.” “(BAINES; MALIK, 2008, p. 205)*.
 Com tudo que foi dito sobre a posição das mulheres, entendemos que conceitos modernos como "cultura de mídia" e "massa" tratados pelos estudos culturais são anacrônicos, mas estes estudos se tornam relevantes por nos trazer um panorama em que, a cultura vigente lá, ao contrário de todas ao seu redor, aceitava e venerava as mulheres como nenhuma outra, atribuindo-lhes grande valor e permitindo sua penetração pela organização societária. Sabendo que a proposta dos estudos culturais da Escola Inglesa surgiu diante da alteração dos valores tradicionais da classe operária da Inglaterra do pós-guerra, vimos aqui uma possível abertura para encaixar essa exceção nos "valores Antigos" que se tornou o Egito.

**DESDOBRAMENTOS DA MITOLOGIA EM OUTRAS PRODUÇÕES**

A mitologia possui muitos desdobramentos na atualidade. Tais desdobramentos se dão em diversas produções audiovisuais, literárias e teatrais as quais absorvem o caráter mítico egípcio ou encontram formas de representação e adequação ao que buscam propor ou relacionar com a época e o contexto em que são produzidos. Alguns exemplos foram separados e serão comentados, brevemente, ao que se referem e como incorporaram e se basearam nessa mitologia.

 As produções não se mantiveram restritas ao universo jovem/adulto. Como no caso do desenho animado de origem japonesa “Yu-Gi-Oh”, lançado por volta dos anos 2000, tem como principal característica a utilização de um baralho com cartas variadas, sendo elas de mostros, armadilhas, terrenos, entre outras, as quais compõem o universo da animação e, posteriormente, incentivaram o surgimento e desenvolvimento físico dessas cartas. Tanto na série quanto na realidade, mostrava-se cenas atreladas a um personagem que vivera no Egito e ressurgia nos tempos atuais para defender a civilização do mal. Diversas simbologias egípcias foram utilizadas para dar forma e conteúdo, assim como algumas associações nominais como “Dragão Alado de Rá” (nome dado a uma carta que faz menção ao Deus Sol e parte da tríade de Deuses Egípcios do desenho), entre outras. O olho de Hórus, símbolo que significa poder e proteção. O **olho de hórus** era um dos amuletos mais importantes no Egito Antigo, e eram usados como representação de força, vigor, segurança e saúde. **Hórus** era o Deus egipcío do sol nascente e era representado como falcão.” Provavelmente, o desenho animado mais famoso desse gênero tenha sido “As Múmias Vivas”, lançado em 1997. Apenas uma temporada de 42 episódios foi o bastante para fazer sucesso, com direito a action figures dos principais personagens.

 Temos, num âmbito mais hollywoodyano uma gama enorme de filmes, que buscam tratar de questões muito populares e faladas até nos dias de hoje como Cleópatra, antigos Faraós, alguns filmes de terror que exploram um lado mais sombrio e uma representação mais dramática da mitologia, como *A Múmia*, até chegar em super produções de bilheteria que estrelaram esse ano como *X-Men: Apocalypse*. Nesse filme, há o surgimento de um Deus, muito desconexo de todo o contexto mitológico em sua essência, e a principal representação se dá pela ambientação e cenário. A história, em si, não se desenvolve no Egito também. Pode-se associar algumas partes do roteiro, que justificam essa escolha de cenário e inspiração, com a forma que a cultura ocidental enxerga a cultura egípcia e seus costumes, de acreditar no embalsamento de uma pessoa e conservar seu corpo e espírito de alguma forma, como se ele pudesse ganhar vida novamente. O primeiro filme sobre o Egito foi lançado nos anos 30. O terror “A Múmia”, estrelado por Boris Karloff, chegou aos cinemas em 1932. O longa ainda teve mais duas versões com o mesmo nome, lançadas em 1959 e 1999, e foram protagonizadas por Christopher Lee e Brenda Fraser, respectivamente. O filme de Fraser ainda teve uma continuação, em 2001, chamado: “O Retorno da Múmia”. Outro ícone egípcio que já teve quatro versões diferentes de filmes é Cleópatra. Além do clássico de 1963, com Elizabeth Taylor, a última faraó do Egito teve sua história contada em 1934, 1999 e uma versão brasileira de 2007, com Alessandra Negrini no papel principal, ambos os filmes com o título de “Cleópatra”. Mas, não é só sobre múmias e Cleópatra em que é formada a história do Egito, ainda há filmes como “A Terra dos Faraós (1955)”, que conta a história da construção de uma grande pirâmide (provavelmente inspirada na pirâmide Queóps) e a animação “O Príncipe do Egito (1998)”, ainda temos uma série de filmes atuais chamada *As Crônicas de Kane* (2010 a 2012), que surgiu a partir de livros escritos por Rick Riordan, mesmo autor de *Percy Jackson*. Em *As Crônicas de Kane,* algumas divindades aparecem: Anúbis, Apófis, Bastet, Geb, Hórus, Ísis, Néftis, Osíris, Rá e Seth.

 Há desdobramentos e adaptações mesmo entre diversos produtos. A série descrita acima surgiu a partir de uma outra série (de livros) e também foi readaptada na forma de quadrinhos (HQ). Existem diversos livros sobre o Egito, mas quase nenhum deles é um livro de “ficção”, a maioria trata da história egípcia ou de religião. Ainda há os romances de Antônio Cabanas: A Conspiração do Faraó e O Ladrão de Tumbas (apenas esses dois foram lançados no Brasil, os outros três não foram traduzidos). Outro especialista no assunto é o francês Christian Jacq, o autor escreveu diversos livros sobre o Egito. Uma de suas séries mais famosas, composta de cinco livros, é sobre Ramsés, o Grande.

 Existem séries televisivas sobre o assunto, entre 1975 e 1976 foi exibida, nos EUA, a série “A Poderosa Isís”, com uma única temporada e duração de 22 episódios, foi considerada a primeira série em live action a ter uma heroína como protagonista. Embora tenha surgido na TV, à personagem apareceu em algumas histórias do Capitão Marvel e também teve sua própria HQ pela DC, mas a série em quadrinhos teve apenas 8 edições. O episódio “Isis”, da décima temporada de Smallville, é uma homenagem ao seriado.

 Nos anos 80, foi lançada a série de quadrinhos (HQ) “A Trilogia de Nikopol” (Os Imortais, A Mulher Enigma e Frio Equador), escrita pelo sérvio Enki Bilal, porém, no Brasil, seu terceiro e último volume só foi lançado recentemente, em uma edição especial com as três histórias juntas. Na trama, vemos um mundo futurístico do ano de 2023, onde uma nave em forma de pirâmide, habitada por deuses egípcios, para sob o céu de Paris. Em 2004, os dois primeiros volumes da trilogia viraram filme, chamado “Imortal”, no entanto, a história se passa no ano de 2095. Após a criação da editora de HQs “AK Comics” (a primeira voltada para esse tipo de produção no Egito), foi criado também o herói Zein, com sua própria revista mensal. Zein é um professor de filosofia que descende de faraós e têm super poderes. Não fugindo muito dessa descrição, está o herói Rudamo, criado pelo autor brasileiro Demétrio Alexandre Guimarães. Na história, o personagem também é de origem brasileira, mas é descendente de egípcios, e acaba “ganhando super poderes” (originado dos deuses do Egito) ao ser atacado por escorpiões sobrenaturais que estavam aprisionados.

 Sobre alguns jogos, em 1999 lançaram, para a plataforma Playstation, *Tomb Raider IV - The Last Revelation*, classificado como “uma jornada de descobertas através do Egito onde a personagem principal resolve diversos enigmas. Outro jogo que pode ser comentado é o lançado em 2002, pela Microsoft Games, o jogo Age of Mythology (que fazia parte da série de Age of Empires) foi inspirado em lendas egípcias, gregas e nórdicas.

 Nota-se uma diversidade enorme de produções, ainda que sejam todas muito mais conhecidas em alguns setores, desde filmes a livros e jogos, ainda existe todo um setor que não amplamente divulgado mas que absorve essa cultura e mitologia para criar seus conteúdos, como no caso de cinemas independentes e peças de teatros.

**ENTREVISTA COM EGÍPCIA**

Youssra Fouda é egípcia, tem 23 anos estuda línguas orientais e mora no Cairo e concordou em nos ajudar com o trabalho cedendo uma entrevista. Falamos por cerca de meia hora por uma ligação de vídeo, ela sempre muito educada e ressaltando que egípcios não andam em camelos nem vivem no deserto, tinha as mesmas preocupações que qualquer brasileiro tem de que estrangeiros não vejam seu país como globalizado e chegou a mostrar-nos suas roupas e quarto.

O roteiro posto em prática com Youssra, foi o seguinte:

1. Primeiramente gostaríamos que você se apresentasse, contasse um pouquinho de onde você é, suas crenças e sua escolaridade.

2. Você acha que mitos e lendas desempenham uma função na sociedade? Qual papel você acha que eles desempenham? Por que mitos existem?

3. No Egito, na escola vocês têm contato com a antiga mitologia egípcia? Você acredita que a população num geral tenha conhecimento sobre este assunto?

4. Dando um foco especial para os mitos egípcios, o que você acha que muda da visão dos egípcios sobre esses mitos para os outros povos?

5. Você acredita que atualmente a mitologia egípcia antiga é relevante no seu país de origem? O governo ou instituições ou as pessoas em geral tentam a mantém viva de alguma forma?

6. Você conhece algum mito? Se conhece mais de um, algum é mais significativo pra você?

7. Comparando a mitologia egípcia com as outras com as quais tem contato, quais diferenças principais você apontaria?

8. Percebemos em alguns mitos, como blablabla, uma diferença de visão da figura feminina quando comparado à mitologias ocidentais. Qual a sua opinião sobre isso?

9. Por fim, gostaria de relatar algo mais?

O que notamos foi uma diferença relevante entre os mitos “locais” no Egito, vigentes mesmo, com aqueles dos mais conhecidos no Ocidente. São muito mais místicos, como por exemplo o que ela chama de “*Evil Eyes*” (Olhos Maus, em tradução livre nossa), que são pessoas essencialmente ruins, que caso não gostem de você podem te enfeitiçar apenas por olhar pra você e te fazer coisas ruins, ou então árabes, como os contos d’As Mil e Uma Noites. Porém ao mesmo tempo observamos algo que se repete em muitos lugares, Youssra afirma que dependendo da classe social a qual as pessoas pertences elas são mais ou menos crentes nesses mitos e histórias e mesmo engajadas com a religião delas.

O que se nota muito também é o fato de a religião muçulmana ser predominante, Youssra afirma ser um país conservador, que incentiva o povo a seguir o Corão, mas que ainda possui famílias e lugares mais livres como os dela, que acreditam que você possa fazer e seguir o que quiser. Apesar disso, fica evidente de que os egípcios estudam muito o Egito Antigo na escola desde o primário e existe um incentivo para vistar museus e se conhecer a origem de seu país. Por essas razões, entendemos que a mitologia do Egito Antigo é percebida muito mais como História do que algo atual, e que embora alguns mitos persistam (desenvolvidos, como a própria Youssra diz), definitivamente não são mais predominantes como já foram. Ela revela também, além de seu conhecimento sobre a história de seu país, que as invasões sucessivas que o Egito sofreu e as influências que elas tiveram em transformar e desenvolver seus mitos.

 Entre os mitos egípcios mencionados por Youssra está a famosa maldição dos faraós, como a que aparece no filme A Múmia, em que qualquer um que violar um sarcófago será perseguido pela fúria dos faraós, o mito de criação da terra segundo os egípcios e o significado do símbolo Ankh, ou chave da vida (a cruz com uma alça em cima). Ela fala que embora todos conheçam estes mitos e os símbolos sejam muito populares, não são todos que acreditam. Realmente parece que o Egito Antigo causou muita influência, porém é percebido hoje, embora de formas diferentes por cristãos, muçulmanos, judeus, ricos e pobres, religiosos ou ateus, apenas como História atualmente. Ela chega a citar os indus para mostrar diferentes visões sobre religião.

 Sobre a figura feminina, Youssra concorda com essa diferença de representação que percebemos, acha notável esse papel que elas desempenham e nos lembra que isso não ocorre apenas nos mitos ao chamar atenção para a figura de Cleópatra que comandou um Império gigante e foi uma mulher muito poderosa nos tempos Antigos. Por fim, notamos que Youssra possuía muitos anéis e uma tatuagem de Ankh, ela nos explicou seus vários significados e disse que pessoalmente acredita que ela possua a chave da vida, e acredita na sorte que seus amuletos podem lhe trazer, porém eles são acessórios muito populares no Egito e que esta é uma forma interessante da manifestação dos mitos, símbolos e lendas por lá.

**ENTREVISTA COM ESPECIALISTA**

Érika Manyart é Mestranda em História Social "Os escribas e a cultura mnemônica. Status e intermediação de práticas culturais no Reino Médio Egípcio". Fez sua graduação, e mestrado (em andamento) na Universidade de São Paulo. Falamos por cerca de meia hora em uma entrevista presencial, e ela se mostrou sempre disposta a responder de pronto, mas nunca sem antes pensar bem na resposta, demonstrando a dedicação que estava pondo em entrevista,

 O roteiro posto em prática com Érika, foi o seguinte:

1. Nome, Idade.
2. Onde cursou, o que cursou, como está sendo?
3. Qual sua ocupação hoje?
4. Qual nomenclatura prefere, Religião ou Mitologia quando se trata da cultura egípcia?
5. Quanto da cultura egípcia é presente no seu dia-a-dia, na sua vida?
6. Você acha que a mitologia egípcia é tão influente nos dias de hoje para cultura egípcia? Por que?
7. É possível falar da história egípcia dos tempos antigos até hoje sem passar por sua mitologia?
8. Quais são as principais diferenças dos mitos egípcios para as religiões atuais? E semelhanças?
9. Você conhece o mito de Ísis?
10. Você acha que a mitologia egípcia moldou a sociedade egípcia, ou foi construída em cima de sua semelhança?
11. O que você acha que é a causa do sucesso da mitologia egípicia nos meios de entretenimento, como filmes, desenhos, livros?
12. Quais são os principais elementos da mitologia egípcia que causou a relação fiel com a religião?
13. Por último, você acha essencial que a população em geral conheça a religião e mitologia egípcia?

Professora de duas escolas fundamentais, Érika se mostrou muito didática em suas respostas, sendo elas de fácil compreensão por nós e nos dando muito a refletir.

De início já nos foi colocada a opinião da entrevistada sobre a importância da nomenclatura usada: Mito ou Religião? Alguns historiadores preferem usar a palavra “religião” pelo sentido da prática social envolvida nos cultos e rotina da sociedade teocrática. Porém, pontua nossa entrevistada, que toda a religião tem caráter mitológico, contendo fábulas com intuito de exprimir a natureza humana, com parábolas e morais.

 A entrevistada diz ter uma relação íntima com seu objeto de estudo justamente pelo tempo que lhe oferta. Após o começo de suas leituras sobre o assunto até o momento da entrevista ela diz ter criado um vínculo com a cultura egípcia, um apreço aos hieróglifos, e objetos culturais desse país. Percebemos que o conhecimento de tal religião causa uma aproximação da cultura e mitologia com quem a conhece, por conta de seu cunho interessante e envolvente.

 Na entrevista também percebemos, superficialmente, como é o contato da cultura egípcia contemporânea com a mitologia antiga. Mesmo que não seja seguida a religião politeísta da antiguidade (a maioria dos egípcios são árabes), existe uma retomada dos elementos principais da mitologia para identidade. Desde artistas plásticos a artistas de rua utilizam de elementos da sociedade antiga do Egito como forma de representatividade, adaptando à contemporaneidade (como é o exemplo dado pela Érika, de um grafiteiro que utiliza a imagem de Nerfetiti com uma máscara de gás, aludindo à primavera Árabe).

 Também há a questão de como é visualizado tal cultura internacionalmente. Pirâmides impositoras, Esfinge com mistérios e histórias, símbolos místicos. Esses elementos subjetivos também fazem com que haja uma visibilidade marcante da cultura egípcia para todo o mundo, criando uma rápida identificação.

 Seguindo a entrevista também tiramos observações acerca da relação da mitologia com elementos territoriais. A geografia desde muito antigamente foi representada na religião do Egito Antigo, com o Rio Nilo sendo uma espécie de representante vital, e Mitos de Osíris dialogando diretamente com a figura do rio. O povo Árabe é heterogêneo, e os egípcios carregam com eles características mais voltadas para essa relação geográfica.

 Tentamos ver também a religião Egípcia em um plano macro, e saber também como se comporta a religião como termo amplo. Partindo então da mitologia do Egito, Érika nos ajudou a questionar o padrão que segue a construção da religião até o momento.

 A religião então parte de uma ideia fragmentar de poder, com o politeísmo e caminha, conforme interesse político, para um monoteísmo. A ideia de uma figura única de poder, benevolência se estende aos campos de dominação social, já tentada no próprio Egito Antigo (com o Faraó Akhenaton, e a reforma de Amenófis).

 Focamos então no mito principal abordado por nós: o mito de Ísis, e a imagem que ela representa. Na entrevista ficou claro que a imagem da deusa é muito forte, e foi a mais difundida fora do Egito. Uma mulher, ao mesmo tempo maternal, acolhedora, e também ardilosa, estrategista. Com o objetivo de colocar seu filho Hórus no trono de Faraó dos Deuses, que é seu por direito, e vingar seu irmão Ósiris, mentiu, ludibriou, montou estratégias e se mostrou, além do arquétipo da mulher voltada para família (como outras religiões tal qual o Cristianismo), uma mulher que toma rédeas político-organizacionais.

 A mestranda também ressalta que, com o extenso material deixado por essa sociedade antiga, temos conteúdo de sobra para inseri-los no mundo moderno na forma dos mais variados produtos de entretenimento. A religião acreditava no infinito da vida, na eternização das coisas (múmias e sarcófagos com grandes Faraós em formol) e fez questão de deixar seu legado visivelmente presente. Arquiteturas colossais, histórias preservadas e documentação foram alguns dos artifícios para imortalizar essa antiga cultura, e trazer até os dias de hoje. Por enquanto a Mitologia prossegue com a ideia de tornar-se imortal pela memória.

 Érika então parte para as mitologias em geral. Garante que não devemos estudar somente a religião egípcia, pois conhecemos muito pouco de mitologia como um todo. Encerra lamentando que exista o foco nas religiões Greco-Romanas, e a procura de uma origem para tais religiões, que isso é um foco despretensioso.

 Precisamos ir atrás também dos fenômenos que não são novos, pois uma mitologia só não dá conta de explicar todas as possibilidades do que o ser humano pode alcançar.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

 Embora tenhamos saído um pouco desapontados com o que obtivemos de Youssra, a egípcia, no sentido de que esperávamos respostas diferentes e um maior envolvimento, entendemos que nossas expectativas também se pautavam numa percepção falsa de que o Egito ainda era aquele lugar histórico, porém, isto é, no fim, apenas história. Érika nos ajudou nesse sentido também a compreender que não podemos nem devemos nos limitar à religião egípcia. Ela é, sem dúvidas, peculiar à sua própria maneira ao mesmo tempo que tem pontos de contato com outras culturas e isso é igualmente importante de ser percebido.

 Nosso foco inicial na figura da mulher foi de certa forma sobrepujado pela imensidão da mitologia Egípcia e seus aspectos que são mais lembrados e significados de uma forma a tornar intrínseco uma crença referente à maternidade, à proteção, ao cuidado, e todas as significações que a figura feminina passa nos contos, de uma forma muito lúdica e subjetiva. A exemplificação das atitudes de ísis nos seus mitos, por exemplo, ressaltam também um caráter forte e determinante, como no caso do mito em que o corpo de Osíris perde-se no rio e chega a um palácio. As representações desses deuses também ressalta um pouco a essência humana que se confirma e se incorpora na sociedade ao atribuir aos deuses a morte, que nesse universo, muitas vezes, deixa de ser uma realidade atrelada aos deus e, sim, atrelada ao mortais. Ao mesmo tempo, constatamos sim uma valorização das mulheres na sociedade, religião e mitologia egípcias incomum à época.

 A mitologia egípcia é um campo muito amplo e interessante, por tratar bastante de assuntos e crenças instigantes e misteriosas, mas sentimos que o distanciamento temporal o tornou aos entrevistados um sujeito histórico. É claro, não podemos avaliar a mitologia comparando-a com religião, porém, este fato causou-nos surpresa durante a entrevista. Houve dificuldade em encontrar intercambistas ou residentes do Egito para gravarmos a entrevista. Conseguimos localizar algumas pessoas que, ao contarmos que a entrevista seria gravada, houve uma preocupação com a finalidade que esse vídeo teria, o que ocasionava desistências, no entanto no fim, deu certo. Já encontrar os especialistas foi mais fácil. Por fim, foi uma experiência muito interessante e enriquecedora.

**BIBLIOGRAFIA**

CAMPBELL, Joseph. **Mito e Transformação**. Tradução de Frederico N. Ramos. São Paulo: Ágora, 2008.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces.** Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1949.

CAMPBELL, Joseph; FLOWERS, Betty Sue (org.). **O poder do mito**. Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.

Fenix de fogo. <[https://fenixdefogo.wordpress.com/category/mitologia-lendas-seus-protagonistas-viloes-e-criaturas/mitologia-egipcia-mitologia-lendas-seus-protagonistas-viloes-e-criaturas/page/2/](http://portal-dos-mitos.blogspot.com.br/2013/10/isis.htmlhttps%3A//fenixdefogo.wordpress.com/category/mitologia-lendas-seus-protagonistas-viloes-e-criaturas/mitologia-egipcia-mitologia-lendas-seus-protagonistas-viloes-e-criaturas/page/2/)> Acesso em 10 de setembro de 2016.

**Jogos com temática egípcia** disponível em <<http://antigoegito.org/jogos-tematica-egipcia-parte-1/>> acesso em 15 de nov. de 2016

HOGGART, R. As utilizações da cultura: aspectos da vida da classe trabalhadora, com especiais referenciais a publicações e divertimentos. Tradução de Maria do Carmo Cary. Lisboa: Editorial Presença, 1973b. v. 2.

**Mitologia Egípcia** disponível em

<<http://www.resumosetrabalhos.com.br/mitologia-egipcia.html>> acesso em 20 de nov. de 2016

**Mitologia Egípcia e sua origem** disponível em

<<http://www.espiritualismo.info/mitologia_egipcia.html>> disponível em 20 de nov. de 2016

**Mitologia Mesopotâmica** disponível em

<<http://www.mitologia.templodeapolo.net/mitos_mit.asp?mit=Mitologia%20Mesopot%C3%A2mica>> acesso em 15 de nov. de 2016

**Produções Temáticas Egípcias** disponível em - <<http://legiaodosherois.uol.com.br/2013/o-egito-na-cultura-pop.html>> acesso em 15 de nov. de 2016